

APRESENTAÇÃO

As origens dos ritos de mascarados perdem-se na noite dos tempos. Correspondem ao cíclico retorno dos antepassados que ao prenúncio de um ano novo, manifestam-se aos vivos como figuras bizarras, inquietantes, extravagantes, exageradas, com o intuito de trazer augúrios de prosperidade e de fertilidade. Expulsos daquela espécie de cidadela sagrada do Natal e da Epifania, esses personagens ancestrais saem a passeio pelo calendário, encontrando refúgio lá onde não provocavam nenhum tipo de distúrbio. Assim, em lugares remotos do continente europeu e nas datas mais impensadas do semestre invernal, vemos voltar à cena os tocadores de sinos amedrontados das lupercálias, os burlescos brincalhões das saturnálias...

De rito que era, no regime religioso cristão, a mascarada transforma-se em farsa, em um presunto tripúdio de gula e licenciosidade legitimado qual necessária antífona da sucessiva expiação quaresmal. Forte com esse salvo-conduto, carnaval torna-se o protagonista da cultura popular do Renascimento europeu e do qual seguirá a sorte, para enfim, embarcar nos navios e atravessar os mares para conquistar as grandes cidades do Novo Mundo, da América Latina e da Louisiana, onde deu início ao seu inexorável incidir sobre a cena global, em ato ainda hoje.

Carneval, Carnavais, festa do mundo, porque o mundo dos homens celebra seus próprios faustos, sem qualquer declaração ao mundo ultraterreno. “Não é uma festa que se oferece ao povo, mas uma festa que o povo oferece a si mesmo”, afirmara Goethe. É a festa do século laico, do mundo “mundano”, do mundo como ele é, com todos os seus defeitos, os seus vícios, os seus pecados e as sua feiuras, e que de fato são exageradas muitas vezes, mas sem provocar qualquer tipo de embaraço. Afinal, como reza o provérbio italiano, “No carnaval tudo vale”. É a festa do mundo também pela sua intrínseca qualidade viral que, na onda poderosa do desejo elementar de fantasiar-se ou travestir-se, do mascarar-se, do brincar ser o outro, o diferente de si, e de encenar um mundo apenas imaginado e desejado, como se fosse real, tornou-se famoso em todo o planeta, da Europa católica da Idade Média, onde provavelmente nasceu, às Américas, onde chegou antes com os barcos a vela, e, depois, no século XIX com os navios a vapor, até a sua dimensão global onde, enfim está presente em todos os cantos do planeta. Sem mais uma iminente quaresma, sem o nexos com a ideia de redenção, e mesmo sem o inverno, visto que nos trópicos o mês de fevereiro marca o auge do verão. Mesmo com toda a sua notoriedade planetária, suspenso numa corda bamba como um acrobata entre o Natal e a Páscoa, ou seja, entre dois dos principais faróis do calendário cristão, o Carnaval comunica, desde sempre, uma sua qualidade excêntrica, arriscada, ambígua. De fato, todos são capazes de descrever, por vezes com presunções de certeza, o que é o Natal, o que é a Páscoa; porém, quando se dala de carnaval, as mesmas narrativas assumem

tons de hesitação e imprecisão, e logo se tingem de cores inefáveis de lenda; de uma lenda, porém, que jamais é narrada, e que sempre resulta, nas versões perdidas aqui e acolá, reticente e incerta.

Carnaval: essa palavra, que ao longo dos séculos tornou-se cada vez mais incompreensível, na interpretação tardo medieval aludia a um rito de adeus solene ao consumo de carnes e de entrada em um período de severo jejum e abstinência, do qual ninguém sabe nada de concreto sobre a origem, acabou por ser sinônimo, pelo menos para brasileiros – e para os cariocas ainda mais –, de maior espetáculo da terra.

Abre o presente número o texto do pesquisador mexicano Jorge Hernandez Diaz intitulado *Los carnavales comunitários: uma expressão de los intercâmbios solidários* onde entramos em contato com as manifestações carnavalescas indígenas em Oaxaca, enfatizando não apenas o sentido festivo das festas, mas também aquele político e social.

Na sequência, já em terras brasileiras, Joceli Fabrício Coutinho, Luana de Carvalho Silva Gusso e Ilanil Coelho trazem aspectos ligados aos direitos culturais da população da cidade catarinense de Joinville em *O Carnaval na “Cidade do Trabalho”: um olhar sobre os direitos culturais em Joinville/SC (1988-1993)*; as autoras discutem o reconhecimento e a legitimação da festa a partir da leitura e da análise de fontes jornalísticas e de entrevistas orais.

Do Sul para o Rio de Janeiro, *Carnaval e espaço público: a Praça Onze e os festejos populares no Rio de Janeiro*, Antonio Colchete Filho e Karine Dias de Jesus apresentam como o espaço público constituído pela Praça Onze no Rio de Janeiro, tradicional reduto do samba carioca, se comporta como interface da cultura popular, principalmente no que se refere às festividades de carnaval uma vez que a história do local carrega consigo raízes que sustentam a história da festa na cidade.

Mas Carnaval também é feito de música. Rafael Y Castro e Carlos Stasi trazem à tona a contribuição dos elementos do Candomblé que têm sido mantidos e transformados na execução dos smabas de enredos pelas baterias das escolas de samba em *A utilização dos elementos musicais estruturais do Candomblé na preparação e performance das escolas de samba para o Carnaval*. Rico em exemplo, o artigo aponta as principais contribuições da religiosidade de matriz africana na musicalidade das escolas do Rio de Janeiro e São Paulo.

Outro importante aspecto da folia é o uso de fantasias. As fantasias das escolas de samba são parte essencial do desfile, pois contribuem para enriquecer a história contada na letra do samba enredo, devendo ser coerentes ao tema e aparecer em harmonia com o conjunto da agremiação. Em *O traje da baiana: um cadinho cultural* Fausto Viana e Maria Eduarda Andreazzi Borges apresentam a múltipla composição do traje da baiana, elemento obrigatório em todas as escolas de samba; com exemplos oriundos de agremiações do Rio de Janeiro e de São Paulo, os autores apontam as

contribuições das diferentes culturas que legaram importantes elementos para a atual representação do traje em questão.

Em *De água, palha e poeira: um olhar sobre os destaques das escolas de samba a partir do caso Rafael BQueer*, Rafael Bora também reflete sobre o papel das fantasias nos desfiles de carnaval e analisa o papel dos chamados “destaques performáticos” com ênfase no caso do ator Rafael BQueer no desfile da GRES Acadêmicos do Grande Rio de 2020.

Mas afinal, quanto dura o Carnaval? Partindo da proposta da Prefeitura do Rio de Janeiro de estabelecer “50 dias de Carnaval”, em *E se essa fantasia fosse eterna? Um estudo sobre a relação entre as datas do carnaval e a construção do sentido da festa*, Tiago Luiz dos Santos Ribeiro propõem um diálogo entre a data estabelecida do carnaval e a noção de anarquia atribuída à folia, observando as possibilidades de ressignificação festiva, através da sua construção coletiva.

Encerra o presente número o artigo de Jorge França de Farias Jr intitulado *Referenciação do discurso da mídia: a representação de identidades sociais carnavalizadas no universo da cultura popular*. Nele o autor elucida os processos de referenciação da legitimação de estereótipos na representação do discurso da carnavalização que constrói a identidade do Outro, especificamente a partir das praticas discursivas midiáticas ao representarem o discurso da cultura popular.

E como tudo acaba na quarta-feira, a Interfaces deseja Evoé e boa leitura!

Fabiano Dalla Bona
Cristina Grafanassi Tranjam